



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Representações e preconceitos sobre Lesbianidade na Bahia no período de 1930 a 1949

Milena Silva Santos¹; Maria Aparecida Prazeres Sanches²

1. Milena Silva Santos, PROBIC/UEFS, HISTORIA, e-mail: ms3042296@gmail.com

2. Maria Aparecida Prazeres Sanches, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA, e-mail: mapsanches@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Invisibilidade; Lésbica.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira produz diversas violências contra mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, que ao serem associadas ao racismo as aprofundam ainda mais violentamente e onde a homossexualidade feminina é historicamente invisibilizada. A partir desta problemática, estudamos os mecanismos que perpetuam essas violências por meio de representações em trabalhos científicos publicados no período, mais especificamente teses de medicina que discutem as vivências e representações das lésbicas brasileiras manifestadas entre as décadas de 1930, 1940 até meados de 1950. Para a execução dos objetivos, foi-se realizada a leitura e análise da principal fonte primária desta pesquisa, entrelaçadas a três outras fontes impressas (livros), sendo respectivamente: Estácio de Lima - A Inversão dos Sexos (1934), onde o autor realizou entrevistas com um casal de mulheres baianas que viveram em Salvador na década de 30; Lemos Britto - A Questão Sexual nas Prisões (1934); Estácio de Lima - Ensaio de Sexologia (1952); Astor Guimarães Dias - A Questão Sexual nas Prisões (1955).

METODOLOGIA

A relação entre História e os Estudos de Gênero remonta aos debates que vão se desenvolver a partir dos anos 80 junto ao surgimento do campo da História das mulheres. Essa possibilidade de diálogo será possível pelo desenvolvimento de uma nova postura historiográfica que ampliou temas e a própria concepção de documentos. Essa proposta, centrada na ideia de uma história-problema, dialoga com outras ciências sociais, inovando conceitos, métodos e permitindo o surgimento de pesquisas cujos temas versam sobre mulheres, sexualidade, problemas, etc.

Vinculado ao que traz Miriam Leite, a pesquisadora Susan Okin (2008), em seu texto “Gênero, o público e o privado”, refere-se ao gênero como uma “institucionalização social das diferenças sexuais” (p. 305), e aborda a problemática das diferenciações sexuais como socialmente construídas, “Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução” (p. 307). Destacamos essa discussão devido a existência de um forte desrespeito a homossexualidade feminina, pois, quando atrelada ao gênero, grande parte do julgamento direcionado a mulheres lésbicas se dá devido a sua negação em se casar com alguém do sexo oposto, de se manter na esfera privada da domesticidade, de consumir o ato sexual com um homem nem por prazer nem visando a reprodução e a sua coragem de estar presente, também, no espaço público.

Ao citar Monique Wittig (1976), Judith Butler (2017) destaca a argumentação trazida pela autora em que Wittig alega que “A ficção linguística do ”sexo” (...) é uma categoria produzida e disseminada pelo sistema da heterossexualidade compulsória, num esforço para restringir a produção de identidades em conformidade com o eixo do desejo heterossexual” (Butler, 2017, p. 59). Wittig afirma que tanto a homossexualidade masculina como a feminina estão inseridas na subversão e proliferação do que o senso comum categoriza como sexo, e evoca uma “economia alternativa dos prazeres, a qual contestaria a construção da subjetividade feminina, marcada pela função reprodutiva que supostamente distingue as mulheres” (Butler, 2017, p. 59).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *A Inversão dos Sexos*, Estácio de Lima (1934) aprofunda-se em pesquisas acerca da Inversão Sexual Feminina, onde a propagação da sexualidade, ao seu ver, é menos abundante de forma íntegra, por ser mais discreta, sendo mais disseminada do que se julgaria à primeira vista. “Toda a vigilancia, a maior austeridade, a disciplina mais rigorosa, tudo, afinal, é improficuo, porque as meninas se namoram sempre...” (p. 44). O médico discorre que a inversão sexual feminina seja propagada mais positivamente do que a masculina por não ser relações que chegam sempre aos atos físicos, pois “não costumam, no commum, agarrarem-se para as titilações, ou as tribadias (...) São antes, phatasistas imaginativas. Vivem do platonismo. Mas se escrevem, e se presenteiam, e se interessam por tudo o que referem à outra... Aos quandos, beijam-se às escondidas tambem... E estremecem, nesse instante...” (p. 44).

O sétimo capítulo da *Inversão dos Sexos* é inteiramente dedicado ao que nos levou a realizar esta pesquisa e almejar nos aprofundar na temática e recorte estabelecido, sendo estes os estudos e entrevistas que Estácio de Lima realizou com um casal de mulheres baianas que residiam em Salvador, no Pelourinho, na década de 1930, procurando respostas para seus questionamentos: “Quaes serão, afinal, os factores decisivos que arrastam o indivíduo às anomalias e aberrações do instinto sexual?” (p. 64), e “Porque estas modificações da libido assim acentuadas, deturpando-a tão profundamente na sua finalidade e objecto?” (p. 64). O pesquisador leva suas dúvidas a Vivi, lésbica assumida e desfeminizada. “E’ muito difficil (...) quando se fica deante de uma lesbica integral, apurar-se qual ou quaes os factores decisivos que a fizeram mergulhar na barbara anormalia. Minha jovem observada — M. A. G. —, ou Vivi, como a conhecem no mundo prostitucional, deu-me, a principio, a idéa de ser cerebral exclusiva” (p. 77).

Estácio descreve a primeira impressão que teve de Vivi, ao vê-la sentadinha em seu canto, usando um vestido, que após se sentir mais confortável na presença do pesquisador, foi trocar de roupa e retornou com a sua “indumentária de rapaz”. “Antes era uma saphista discreta, meio escondida. Depois, enfrentou o escandalo, arrostou com os preconceitos, perdeu a timidez” (p. 85); “Cabellos cortados a homem, trajes masculinos, modos, gestos, geitos que não lembrava a sua condição de mulher... (...) A lesbica, porém, de facto, não é uma caricatura do homem. Ella o espelha admiravelmente, desconcertantemente. Por isto mesmo, será impossivel repetir-lhe a mimica” (p. 79-80). Sua curiosidade em conhecê-las surgiu após o casal virar notícia em Salvador.

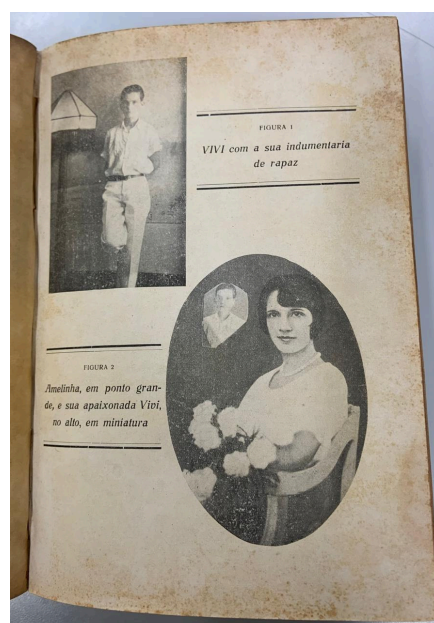


Figura 1: Imagem retirada do livro *A Inversão Sexual*, escrito pelo médico Estácio de Lima, publicado em 1934. Onde ele realizou registros da vida de um casal de mulheres baianas, Vivi e Amelinha, que residiram em Salvador, no Pelourinho, e foram entrevistadas e objetos de estudos do pesquisador baiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro passo já foi dado, com a tentativa de dar conta da representação da homossexualidade feminina nas décadas de 30 e 40 com os materiais disponíveis, cedendo espaço para uma sexualidade historicamente marginalizada e muitas vezes esquecida ou até mesmo apagada. Trabalhar com os registros históricos que evidenciam que essas mulheres sempre existiram e entender como elas eram representadas enquanto objeto de estudo nas teses desses pesquisadores, que apesar do olhar de julgamento, buscaram tentar entender e compartilhar suas perspectivas com base no período e cultura na qual estavam inseridos, ainda assim é fortalecer suas memórias e vivências.

O próximo passo é dar continuidade a pesquisa com o aprofundamento em uma quantidade maior de bibliografia secundária e a procura por demais fontes, principalmente jornalísticas, que continuem a nos lembrar a existência das mulheres lésbicas no decorrer da história, neste caso, mais precisamente, das lésbicas baianas.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2011.
- BRAGA, Denise Silva. Novos/outros corpos, gêneros e sexualidades: experiências de lésbicas, gays e transgêneros no currículo escolar. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, p. 11-27, 2011
- BRITTO, Lemos. **A Questão Sexual nas Prisões**. Livraria Jacintho Editora, 1934
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DIAS, Astor Guimarães. **A questão sexual nas prisões**. Saraiva: São Paulo, 1955.
- GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, n. 24, PPGAS/UFSC, 1998.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. História das Mulheres. In: Dossiê **História Nova**. Revista USP, São Paulo, p. 57-61, 1994.
- LIMA, Estácio de. A inversão sexual feminina. In: **A Inversão dos Sexos**. Bahia: Editora Guanabara, 1934.
- LIMA, Estácio de. **Ensaio de Sexologia**. Bahia: Livraria Científica, 1952.
- MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2013.
- MOTT, Luiz. **O Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. Editora Brasiliense, 2020.
- OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 305-332, 2008.
- SOIHET, Rachel, “História das Mulheres”. In CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p. 275-296, 1997.
- WITTIG, Monique. **The Lesbian Body**. Trad. Peter Owen, Nova York: Avon, 1976.